



VII ANNO

PORTO, 15 DE OUTUBRO DE 1883

NUM. 14

ARMINIO VON DOELLINGER

E' d'estas almas entusiastas capazes dos maiores heroismos, d'estes homens que se dedicam encarnadamente ao serviço d'uma causa, para viverem d'ella e para ella.

Quando n'esta cidade germinou a idéa da criação d'um gremio de bombeiros voluntarios, idéa que tão bisarramente foi acolhida e cuja realisação tão cedo foi cumprida, era Arminio von Doellinger quasi uma creança. N'umas reuniões preparatorias convocadas então e nas quaes foi decidida a instituição d'este grupo benemerito, que tantos serviços tem prestado ao Porto, assistia sempre a ellas o nosso biographado, seguindo reservadamente as resoluções que alli se tomavam, mas sem se atrever a dár o seu nome para a lista dos socios fundadores. Um natural acanhamento, a incertesa do acolhimento da sua proposta por isso que partia d'uma creança, tolheram-lhe o desejo de se incorporar n'essa briosa phalange, e o certo é que Arminio von Doellinger deixou fechar a inscrição sem que o seu nome n'ella figurasse.

Principiaram então os primeiros exercicios prepa-

ratorios nas ruinas da capella da Bibliotheca. Empeñando-se para assistir a esses exercicios apparecia sempre Arminio von Doellinger, e tanto interesse mostrava pelas nascente instituição, tanto entusiasmo patenteava por esses exercicios, tanta vontade mostrava de pertencer a essa phalange que gravou em letras

d'ouro os primeiros feitos nos annos da Associação dos Bombeiros Voluntarios, que, um dia, a proposta da sua admissão foi apresentada e o seu alistamento teve lugar em 8 de setembro de 1875.

Promettia muito e muito deu realmente este rapaz que é hoje um dos soldados com que muito se orgulha a Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto. Destacando-se nos exercicios pelo seu vigor e destresa, não menos se distinguiu na boa vontade com que se desempenhava do arduo serviço a que se obrigaram os socios fundadores d'este prestantissimo gremio.

A casa que então servia de quartel estava bem longe de ter as commodidades

que a actual offerece, e o serviço de piquetes era feito com o rigor do serviço militar. Estabeleceram-se quartos de sentinella pelo piquete que durante a noite permanecia na es'ação. Um voluntario vigiava enquanto os seus companheiros dormiam, e imagine-se que ardua não seria essa tarefa nas frigidissimas noites de



inverno, sendo o posto de ronda um pequeno quarto, varrido pelo vento pois que a porta da estação jámais se fechava, os commodos para a vigilia, uma cadeira, e agasalho, uma manta ordinaria insufficiente para emburhar os membros enregelados!

Terminando o quarto de sentinella ia Arminio von Döellinger despertar o companheiro que o devia substituir, mas, quando este, cedendo ao somno, não tinha forças para se arrancar da cama, o dedicado rapaz, voltava para o seu posto, levando a sua dedicação a permanecer toda a noite de vigilia! De manhã os dorminhocos lembravam-se da falta commettida e quando, pé ante pé, vinham vêr quem era o coração generoso a quem deviam o impagavel serviço da substituição, era certo encontrarem philosophicamente sentado na cadeira obrigatoria, fitando o horisonte nebulado, em vaga abstracção, o nosso biographado, que retirava depois, sem uma queixa, sem um protesto. E' verdade que lá dentro no dormitorio o conchego era pouco de apeteecer. Só conseguiam dormir os felizes que tem o somno tão profundo, que resiste aos tiros do canhão. Os outros, os que tinham o somno leve, não conseguiam pregar olho em toda a noite. Eram assaltados por legiões de mosquitos, vampiros insaciaveis que transformavam o rosto d'um rapaz gentil na hedionda figura d'um doente de elephancia. Esses demonios introduziam-se debaixo da roupa e ali mesmo, mysteriosamente, cravavam no corpo d'um desgraçado os envenenados ferrões.

Para se avaliar o desespero que aquelles diabos produziam, basta dizer-te, leitor, que uma noite o piquete acordou extremunhado com um berreiro extranho que se fazia no dormitorio. Por cima das camas, pulando como um gato bravo, esgrimia com um florete de encontro ás paredes um dos voluntarios de serviço n'essa noite. Interrogado sobre a causa de tão extranho procedimento elle respondeu, mostrando as mãos inchadas horrivelmente, que se defendia dos mosquitos!

Na sala do dormitorio adornavam as paredes pannoplias onde havia caraças, floretes, luvas de combate etc.. Uma noite, quando o commandante foi fazer a ronda esperava-o um espectáculo extranho. Das camas pendiam braços enfiados em luvas de combate e todos os dormentes tinham posto as caraças, resonando como justos com tão incommodas mascaras! Alguns tambem tapavam a cara com os cestos onde traziam o fardamento!

Os malditos mosquitos obrigavam os desgraçados a procurar tão exquesitos meios de defeza!

N'esse tempo os exercios preparatorios eram feitos com a maxima insistencia e difficéis como são em principio, todos os trabalhos violentos. Arminio von Döellinger era sempre apontado pela sua pontualidade, destacando-se tambem brilhantemente pelo proveito de tão duras lições. Em pouco tempo foi um voluntario distinctissimo, e quando chegou a occasião de entrar em combate contra o devastador elemento, o seu valor e a sua coragem acharam finalmente digno campo. Foi sempre apontado como modelo de intrepidez, de abnegação e de coragem. A sua folha de serviços prestados tem as seguintes honrosissimas notas, diminuta resenha, dos valiosissimos serviços que a Associação lhe deve.

Em 1876, por occasião do expirar do carnaval, dias em que os incendios são frequentes devidos aos descuidos proprios da epoca, foi pelo commandante mandado afixar um convite aos voluntarios para permane-

rem na estação, afim de mais promptamente poderem acudir a qualquer sinistro. Von Döellinger respeitou escrupulosamente esse convite sem character algum de ordem de serviço, e tal procedimento valeu-lhe na folha um voto de louvor.

No mesmo anno foi elogiado pelos relevantissimos serviços que prestou n'um incendio manifestado na noite de 3 do novembro n'um palheiro pertencente á Companhia Carris de Ferro Americanos. A maneira como se portou n'uma inundação, em 8 de dezembro do mesmo anno acarretou-lhe igual distincção.

Em 1877, á imitação do que fizera no anno anterior, permaneceu constantemente na estação durante os trez ultimos dias e noites do carnaval, sacrificio que lhe valeu ainda novo louvor.

Em 6 de julho de 1879 manifestou-se um violento incendio n'um armazem de vinhos de Villa Nova de Gaya, pertencente á firma Newport & C.^o. Dias depois era o valente bombeiro louvado pela maneira brilhante como n'esse sinistro se distinguuiu. N'esse mesmo dia tinha recebido a sua graduação d'aspirante.

Em 10 de junho de 1880 um grande incendio devorou grande parte do edificio da Fabrica Social. A faina, cheia de perigos e pesadissima, consumiu seis horas sem um unico intervalo para descanço. Von Döellinger aturou corajosamente essa tarefa e destacando-se de tal modo, que novo louvor lhe premiou os esforços.

A promoção a 2.^o patrão do carro n.^o 1, realisada em 22 de março de 1880 significou o festemunho de apreço em que elle é tido pelo seu digno commandante.

Em officio da camara municipal de 27 de setembro de 1880, é Arminio von Döellinger elogiado pelos serviços prestados n'um grande incendio manifestado na rua da Reboleira.

Em 15 de novembro de 1882 recebe outro louvor pelo auxilio que prestou no salvamento do cocheiro da bomba, quando esta se despenhou no rio, no regresso d'um incendio manifestado em Villa Nova de Gaya.

Em 1 de junho de 1883 foi nomeado 1.^o patrão do carro n.^o 1.

Em Julho de 1883 foi julgado digno de lhe ser concedida uma menção honrosa pelos serviços e coragem que mostrou no terrivel incendio da rua de S. João, serviços de tal ordem que foi pela camara municipal recommendado á munificencia régia.

Ultimamente os bombeiros voluntarios de Mirandella pediram ao commandante da corporação dos bombeiros voluntarios do Porto que lhe destacasse um instructor d'entre os membros do valente grupo do seu commando. Foi escolhido o nosso biographado, e de tal modo se houve no desempenho da melindrosa tarefa, que, não só deixou ali muitos admiradores da sua competencia, valentia e destresa, mas tambem mereceu da camara de Mirandella um officio não só de louvor e agradecimento, mas de gratidão.

Dispõe já d'uma folha de serviços tão distinta o nosso biographado e está ainda na idade dos grandes heroismos, das grandes dedicações. Se persistir na sua carreira, em poucas cabeças assentará melhor a corôa de laureis que se concede aos benemeritos a esses espiritos sublimes que se devotam cegamente ao serviço da humanidade.

Arminio von Döellinger é escrupulosissimo no cumprimento dos seus deveres, dedicado pela associação em que se alistou até ao extremo do fanatismo, e bom camarada como aquelles que o sabem ser.

Do antigo grupo que tanto illustrou a Associação

dos Bombeiros Voluntarios, quando ella encetou a sua grandiosa missão, dos socios installadores, restam apenas dois: o commandante e von Doellinger. Reliquias d'uma phalange briosa que tão respeitado tornou o nome d'esse gremio, elles erguem-se como dois modelos de heroicidade, de persistencia, de coragem, de dedicação e de desprendimento.

N'elles tem muito que aprender os neophyos do gremio humanitario; tomando-os como modelo, imitando-os na coragem, egualando-os no cumprimento da missão a que se dedicaram, marcham em terreno seguro para justamente merecerem o titulo de bombeiros, para envergarem com justo orgulho a farda, que o fogo dos combates incruentos em que tomam parte, cresta gloriosamente.

Testemunhas do muito que vale esse corajoso rapaz cujo retrato hoje illustra as paginas do nosso periodico, entretecemos-lhe gostosamente esta moldura despretenciosa. Limitamo-nos a narrar singelamente os dados biographicos. Não ha aqui exaggeros, nem favor, nem desejo de exaltar o amigo para deprimir os que nos não são sympathicos.

Ha apenas uma exposição fiel do merito d'um individuo, que se impõe, não ao nosso respeito, mas ao respeito de todos. E é tal a nossa convicção n'este ponto que não hesitamos em dizer que Arminio von Doellinger é um dos sustentáculos da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto.

Saudamos o valente antes de saudar o amigo, e agora que a nossa missão está terminada, agora que retiramos com a consciencia de não ter feito um favor mas sim justiça, agora, sim, agora é tempo de enviarmos ao antigo companheiro de perigos o leal aperto de mão dos amigos velhos.

A REDACÇÃO.

UMA MEDALHA DE PECHISBEQUE

O sr. D. Henrique Diaz, director da companhia equestre e gymnastica que trabalha no circo Principe Real, offereceu aos bombeiros voluntarios do Porto o seu spectaculo de beneficio. Até aqui muito bem. O caso era novo n'esta cidade: em Hespanha é frequente fazer-se isso nas terras pequenas quando os artistas pretendem chamar a concorrência do publico.

Claro está que os bombeiros voluntarios deviam por qualquer fórma corresponder a tal galanteria. Para isso *alguns* socios activos (começemos a distinguir) da benemerita corporação, entre outras manifestações de apreço ao beneficiado, mais ou menos bombasticas e estrepitosas, julgaram-se no direito de collocar-lhe ao peito uma medalha d'ouro com a seguinte inscripção:

*Ao insigne artista D. Henrique Diaz
Os bombeiros voluntarios do Porto.*

Contra este acto de pronunciado servilismo que ninguem póde rasoavelmente defender, embora seja fructo d'uma leviandade de cabeças juvenis, não nos insurgiriamos nós se não compromettesse os creditos d'um agrupamento, que se tem distinguido sempre pela sua cordura e sensatez.

Tractemos da questão de direito. Os individuos que mandaram cunhar a medalha, não podiam de nenhum modo offerecel-a ao sr. Diaz em nome dos *bombeiros voluntarios* senão:

1.º Quando a direcção da Associação a que pertencem a isso os auctorisasse.

2.º Quando em reunião de assembleia geral de *todos* os socios activos assim se resolvesse.

Ao que nos consta, nada d'isto se fez, e portanto usurparam um direito que lhes não assistia.

E de pouco vale a argucia de que, como particulares, pódem obrar livremente. Desde o momento em que se apresentam na qualidade de *bombeiros voluntarios*, precisam fatalmente do consento da collectividade para praticarem uma acção em nome d'ella.

Agora resta commentar o facto. As medalhas costumam geralmente dar-se, ou por serviços prestados em bem da humanidade ou por victorias alcançadas em algum certamen. Que serviço prestou, que victorias alcançou o sr. D. Henrique Dias?

Sem negarmos os seus meritos de artista, pergunta-se: quem o vir condecorado com uma medalha offerecida pelos bombeiros voluntarios do Porto, não pensará que elle praticou algum feito de heroismo ou de valor?

Guilherme Gomes Fernandes, o bravo e denodado commandante da corporação, o protector dedicadissimo de quasi todos os bombeiros voluntarios do Porto, tem prestado á Associação e a muitos membros d'ella, serviços para os quaes não ha premio nem recompensa possivel. No entanto ostenta no peito apenas o modesto habito da Torre e Espada. Não lhe vimos ainda uma medalha offerecida pelos seus subordinados.

N'este ponto, os admiradores do sr. D. Henrique Diaz tiveram pelo chefe d'elles menos consideração que por um instructor de cavallinhos.

Se, como individuos, os amigos do sr. D. Henrique Diaz o tivessem presenteado com uma medalha, não provocariam o nosso energico protesto, porque isso representaria apenas o producto da patetice burguesia.

Assim, embora a medalha seja d'ouro, para nós não passa de réles pechisbeque, sem valor intrinseco nem estimativo.

P.

Congresso de bombeiros

Este anno o congresso dos bombeiros francezes renniu-se em Neuilly-sur-Seine, com o concurso do governo que subscreveu com 1:200 francos e das companhias de Seguros que deram 500 francos.

O thesoureiro da federação dos bombeiros declarou que no ultimo congresso em Reims havia 536 membros e agora 915.

Fizeram-se importantes experiencias com bombas de novos systemas e aparelhos de salvação.

A municipalidade offereceu um esplendido *lunch* a estes valentes soldados da paz, que ostentavam quasi todos nos seus peitos valorosos a cruz da legião d'honra e condecorações de valor, pelos actos de heroismo praticados.

Todos os congressistas eram officiaes superiores das companhias de sapadores-bombeiros, e o aspecto que apresentaram em formatura era imponentissimo.

Um destacamento de 200 capitães era commandado pelo intrepido capitão Gall, o official mais antigo dos bombeiros de França.

Em Lisboa

O serviço de incendios custou ao municipio de Lisboa durante os mezes de Julho e Agosto a quantia de 6:751\$329 réis.

Esta verba decompõe-se da seguinte maneira:

PESSOAL		
	JULHO	AGOSTO
Bombeiros—Ordenados e diurnidade.....	701\$497	672\$662
Vencimento dos sótas.....	224\$200	215\$840
Serviços permanentes.....	79\$800	99\$750
Extinção de incendios (gratificações)	920\$960	1:252\$760
MATERIAL		
Rendas das estações.....	—\$—	—\$—
Iluminação.....	34\$380	38\$010
Acquisição e reparação do material de soccorro e dos uniformes	706\$470	1:370\$280
Acquisição, conservação das linhas eapparehos telegraphicos.....	45\$040	18\$000
Expediente e serviço de limpeza da inspecção, escola officina, etc.....	4\$500	12\$120
DONATIVOS		
Premio Lima.....	—\$—	—\$—
Consignação para o monte-pio.	300\$000	50\$000
Medicamentos e apparehos chirurgicos (auxilio á ambulancia)	—\$—	5\$060
	3:016\$847	3:734\$482

— Falleceu ultimamente a mãe do estimado bombeiro municipal, o sr. José Maria Osorio.

— A's 6 horas e 1 quarto da tarde de 7 do corrente, appareceu incendio n'uma barraca na feira de Belem.

O incendio teve principio na barraca n.º 31 pertencente ao sr. Pastich na occasião em que estava em exposição a *Mulher selvagem*.

Para tornar mais phantastico o espectáculo accendara-se um valverde, e foi este que pegando fogo a umas grinaldas de murta e bucho, já seccas, communicou o fogo aos pannos da barraca. D'esta barraca passou a outra contigua.

Ficaram feridos o bombeiro Custodio, da bomba 2, o policia 15, e o chefe de policia; e foi para o hospital de S. José, Manuel José Moreira com uma perna fracturada.

As barracas n.ºs 28, 29 e 30 foram derrubadas pelo povo que prestou muitos serviços. Compareceram as bombas da Casa Pia, n.ºs 2, 7, 9 e voluntarios da Ajuda. Vieram piquetas dos corpos de Belem e 22 marinheiros da *Estefania*.

— Instituiu-se em Lisboa mais uma associação de bombeiros voluntarios que se denomina «Voluntarios Lisbonenses». Tenciona adquirir, por meio de subscrição, uma machina semelhante á dos voluntarios d'esta cidade, a qual será puxada por uma parelha de cavallos.

— O *Diario de Noticias*, publicou no seu numero d'hontem a estatistica dos serviços prestados pela prestimosa associação *serviço voluntario de ambulancias em incendios*, que nós publicamos no nosso ultimo numero.

— Foram approvados os estatutos da associação humanitaria, *bombeiros voluntarios belenenses*.

Em Barcellos

Tem continuado a ter exercicios os individuos que projectam formar a corporação de bombeiros voluntarios d'esta villa. Tem sido dirigidos pelo sr. Pereira Dias, commandante dos bombeiros voluntarios de Vianna do Castello.

Em Coimbra

Proseguem em Coimbra os trabalhos para a definitiva organização da companhia de bombeiros voluntarios.

Tendo offerecido á camara municipal os seus serviços, esta, em sessão, resolveu acceital-os reconhecida, mas sujeitando-os aos seguintes preceitos:

1.º O chefe nato e unico da associação será o inspector geral dos incendios, ou quem suas vezes fizer;

2.º Deixa de fazer parte da associação todo aquelle que não cumprir, em occasião de incendio, as disposições do regulamento municipal, ou se recusar a obedecer passivamente, em assumptos de serviço, ao inspector ou a quem suas vezes fizer;

3.º Tanto em manobras como em signaes de apito, a associação seguirá a ordenança official do inspector dos incendios;

4.º E' vedado o accesso aos fogos a todo o bombeiro voluntario que se apresente sem o respectivo distinctivo, e bem assim áquelle que deixar de cumprir as disposições do regulamento e as ordens da inspecção em assumptos de serviço;

5.º A condição anterior tem applicação a toda a corporação, quando esta se recuse a cumprir qualquer d'estas condições, ou quando, do seu concurso e por culpa sua, naçam conflictos incompativeis com a boa disciplina e prejudiciaes ao bom andamento dos trabalhos;

6.º Cumpridas estas condições, teem todos os bombeiros voluntarios deveres e direitos iguaes aos que o regulamento impõe aos bombeiros municipaes de igual gradação.

A commissão promotora d'esta util instituição parece que acceita estas condições e trabalha activamente para no mais breve espaço de tempo se constituir legalmente e possuir o material preciso em condições de trabalho.

Em Guimarães

No dia 8 do corrente pelas 10 e meia horas da manhã, houve um violento incendio nas casas d'um caseiro do sr. José Martins d'Aldão, no logar da Ponte de S. Lourenço de Selho, suburbios d'esta cidade.

O incendio destruiu completamente as casas, á excepção d'um compartimento onde dormiam os caseiros.

No logar do sinistro compareceram os srs. José Martins e sua familia e os srs. Manoel José da Silva Miranda, Carlos Bernardino, Albino José da Silva e José de Souza Felix, que prestaram alguns serviços.

Ignora-se a causa do sinistro.

Em Paredes

No dia 8 do corrente manifestou-se na casa do sr. Januario das Neves, em Paredes, um grande incendio, que a destruiu, bem como a outra, onde residia o guarda-fio Faustino.

Este não estava em casa n'essa occasião e duas creanças, seus filhos, que lá deixára, correram grave risco de morrer queimadas; foram salvas pelos srs. Antonio Ferreira Bento, Joaquim da Claudina e Francisco Moreira de Souza.

Seguindo o rifão nacional, *casa roubada, trancas á porta*, trabalha-se na localidade para organizar uma companhia de bombeiros voluntarios.

No dia 27 deve realizar-se no theatro Baquet um espectáculo altamente sympathico e a que preside ao mesmo tempo uma profundissima nota de tristeza, porque recorda ao Porto a prematura queda d'um dos mais bellos espiritos que elle tem admirado e a nós nos desperta a cruciantissima saudade de vermos desaparecer para sempre um generoso coração que tão animado palpitava sob o influxo poderoso do talento.

Esse espectáculo em que tomam parte os grandes artistas Taborda, Antonio Pedro, os illustres professores Nicolau Ribas, Alfredo Napoleão e Antonio Soller, bem como a distincta companhia do Baquet é destinado a suavisar as agruras d'um grande infortunio, a enxugar as lagrimas d'uma inconsolavel viuva a quem a sorte açoitou implacavelmente.

A familia de Thomaz Soller, o talentoso architecto morto no vigor do talento, quando em torno do seu nome começavam a engrinaldar-se os laureis da celebridade, vem n'essa noite abrigar-se sob a asa meiguamente acariciadora da caridade portuense.

Deixai cair pois o vosso obulo no regaço d'essa desolada mãe que caminha para vós trazendo pela mão os filhinhos d'um grande artista. Saudai a viuva e beijai os filhos do grande desventurado.

No estrangeiro

Foi destruida pelo fogo uma grande parte das habitações da aldeia de Karakeuy, perto de Constantinopla.

— Em Manchester ardeu o panorama da batalha de Tel-el-Kebir. Os prejuizos elevam-se a 750:000 francos.

— Foram destruidos por um incendio os estabelecimentos da exposição de Pittsburg, no Estado de Pensylvania, calculando-se as perdas em um milhão de dollars. Os estabelecimentos continham, além de outras curiosidades, a primeira locomotiva que se construiu nos Estados-Unidos.

— No dia 5 do corrente foi destruido por um incendio o magnifico hotel de Glessbach, situado nas margens do lago de Brienz tão conhecido dos *touristes*.

— Noticias do Japão, do fim do mez de agosto, annunciam ter-se incendiado o theatro de Katamoto-mura-Kamado. O edificio fôra envolvido pelas chamas dentro de poucos minutos, morrendo umas 75 pessoas, das quaes 60 creanças. Os feridos foram cerca de 100.

O SERVIÇO DE INCENDIOS EM AMSTERDAM

Não creio que haja no mundo outra cidade que possa competir com Amsterdam no que toca a serviço de incendios do que Nova-York. Os bombeiros d'estas duas cidades, junctos, seriam capazes de apagar o fogo celeste.

Para provar o nosso asserto diremos o que é tal serviço em Amsterdam, começando por visitar a estação central que está situada no *Prinsengracht*.

Construida pela Municipalidade, expressamente para estação central do serviço de incendios, tem a forma exterior d'um castello coroado de torres e d'uma d'ellas podem fazer-se signaes ás demais estações, seja para pedir reforço de bombeiros, seja para prevenir que não aculam ao local do sinistro por já ser desnecessaria a sua presença, na hypothese de que o telegrapho que une este posto com os outros e o *telepho* que o põe em communicação com a repartição central estabelecida na *Casa da Camara* tenha qualquer interrupção, o que até agora nunca succedeu.

Para as necessidades do serviço está a cidade dividida em tres secções.

Em cada uma d'essas secções ha um quartel e dous postos de bombas, além de outros dous nos bairros extremos; total onze estações perfeitamente organisadas, das quaes a que estamos visitando é a central.

Communica esta com todas as outras por meios do telegrapho, de modo que segundo a importancia do fogo assim envia uma só bomba ou toca a rebate para que acudam ao logar do sinistro todas as bombas da cidade.

Além d'isso communica pelo mesmo meio, isto é pelo telegrapho, com umas trinta e cinco campainhas d'alarme que ha espalhadas pela cidade, nos cafés, nas padarias, nas leitarias e nas tabernas, quer dizer, n'aquelles estabelecimentos que se fecham mais tarde e se abrem mais cedo, pelo que a ellas tem mais livre accesso o publico.

Muitos bancos, muitos *hoteis*, muitas lojas e muitas casas particulares estão em communicação tambem com a dicta estação central.

O ter direito a esta communicação custa apenas umas oitenta pesetas além d'uma pequena quantia annual para despesas do costeo.

Além da companhia de alarme tem esses bancos, lojas e casas, um manipulador telegraphico, de modo que todo aquelle que saiba manejar o telegrapho Morse pode annunciar á estação central a importancia do fogo.

Cada uma d'esta a multidão de campainhas d'alarme tem uma contra senha com a estação central para que esta saiba por exemplo, que a campainha numero 5, está situada no numero 199 do *Niewendyikstraat* e mandar n'esta direcção as bombas.

No portico da estação central lê-se a divisa do corpo de bombeiros que traduzida litteralmente, diz:

«Para ajudar em caso de fogo,
Estamos sempre dispostos,
Todos por um, e um por todos.»

Segue o pateo e depois a cocheira na qual se vê uma bomba a vapor, limpa e relusente como se fosse d'ouro, carro para bombeiros e utensilios de serviço, e tropheus de capacetes, machados, bicheiros, etc..

Ha bombas a vapor de primeira classe que expellem 400 litros d'agua por minuto; bombas de segunda classe, movidas a braço que expellem duzentos litros e bombas de terceira classe que expellem 100 litros.

O *carro de escadas* — assim chamado — contém escadas de salvação de differentes classes, applicaveis a fogos interiores, de chaminé ou de subterraneo, rolos de corda impregnada de amianto e por isso incombustivel, uma pipa d'agua para alimentar a caldeira e não distrahir a das bombas, uma maca para transportar algum ferido, uma botica para fazer o primeiro curativo, um grande lençol de lona que se sustenta com estacas para que se possam atirar sobre elle pessoas e objectos; lanternas e archotes; varas que se transformam em escadas para se poder descer pelas chaminés e que em caso necessario servem de arietes; respiradores cujo uso vamos indicar e alguns outros utensilios.

Eis o uso d'esses respiradores:

Quando o fogo é n'um subterraneo o que geralmente succede é que o fumo impessa de trabalhar e dirigir portanto a agulheta para o logar conveniente. Então um bombeiro põe uns olhos de cristal que se adaptam por meio d'umas almofadas de borracha á concavidade dos olhos e que ao mesmo tempo impedem de se respirar pelos narizes e que se limpam automaticamente por dentro e por fóra, por meio d'uma mola. introduz na bocca o extremo d'este tubo que vae communicar com o respirador; empunha uma lanterna de cinto; toma um apito de borracha para pedir socorro em caso de accidente e entra no subterraneo, no qual graças ao respirador, pôde permanecer umas seis horas.

Um outro carro é o das mangueiras de lona impermeavel, enroladas em um sarilho e que se unem umas ás outras como todas as mangueiras do mundo.

Em cada um d'estos carros podem ir oito bombeiros, além do conductor.

Na bomba a vapor vão cinco além do machinista que só tem que cuidar da sua bomba e do cocheiro que só tem cuidar dos cavallos.

O pessoal do corpo de bombeiros compõe-se de duzentos homens, sem contar os empregados administrativos que tem a sua repartição na casa da camara.

Um commandante geral chefe do corpo que tem de ordenado 10:000 pesetas annuaes.

Um sub commandante, chefe do material que se encarrega da sua reparação e da compra de cavallos e tem 6:000 pesetas.

Bombeiros de primeira classe que equivalem a sargentos e ganham 48 pesetas por mez; de segunda classe que equivalem a cabas e ganham 44, e de terceira classe, que equivalem a soldados e ganham 40.

Pessoal de machinistas, cocheiros e empregados.

Para entrar no corpo é condição imprescindivel ter servido no exercito ou na marinha e não ter mais de 35 annos.

A matricula é em bombeiro pela ultima classe e quando se aprendeu a subir pelas escadas e a dirigir com destreza a agulheta sem perder agua inutilmente, quer dizer, quando se aprendeu o officio, então passa-se á segunda. A primeira classe só pertencem aquellas notabilidades do corpo que provaram o seu valor e destreza luctando contra as chammas, entre as quaes se conquistam do mesmo modo os galões de official.

Na estação de que nos vimos occupando ha um

pateo com uma casa de madeira de tres andares, que serve para os bombeiros se exercitarem duas vezes por semana nos serviços que tem que prestar.

Trepam pelas escadas com a agulheta na mão, dirigem o jacto da agua para um alvo fixo, unem e desunem as mangueiras a toques de apito, etc., etc..

Como o corpo está montado militarmente os officiaes servem-se do apito para dar as suas ordens.

N'esta estação ha tambem officinas de forja e carpinteria para reparar o material, *restaurant* e bilhar para que os bombeiros possam distrahir-se sem sahir do quartel.

Dos duzentos homens de que se compõe o corpo, ha constantemente oitenta de guarda que dormem vestidos e comem e vivem, ora no quartel, ora nas outras estações. As guardas duram tres dias seguidos.

Os que não estão de guarda podem viver nas suas casas, com obrigação da se apresentarem na estação central em caso de fogo.

No segundo andar d'esta estação central acha-se estabelecido o quartel que consta de elegantes dormitorios, com camas de ferro e bom colchão, lavatorio com agua á discrição e sala de banho no qual falta o correspondente *douche*.

O municipio encarrega-se de uniformisar e equipar os bombeiros.

Já dissemos que existe no corpo a mais severa disciplina militar e falta-nos accrescentar que a ordenança não faz menção, no entanto, senão de dous castigos: suspensão de soldo para as faltas leves, expulsão do corpo para as graves. Ha tal união e disciplina no mesmo que esta ultima pena pôde dizer-se que nunca se põe em pratica.

As cavalhariças estão installadas, mais que com limpeza e elegancia, com luxo até. Os *boxes* ou separações levantam-se todos juntos por um contrapeso e os cavallos ficam em liberdade; e como já estão arreados e os cocheiros domem vestidos juncto das mangueiras, só tem apenas a collocar o bocado nos cavallos e engatar os tirantes á bomba; questão de meio minuto.

Depois de ter examinado detidamente os uniformes e capacetes dos bombeiros e o instrumento principal que usam que é machado por um lado e picareta por outro passamos a ver como funcionam.

Para este effeito um official tocou a grande campainha de signal e do mesmo modo que nas magicas se transformam as decorações, vimos que os *boxes* se levantavam das cavalhariças e que os tiros de magnificos cavallos, perfeitamente amestrados se collocavam sós deante da bomba e deante dos carros; vimos que um bombeiro borrifava a caldeira de petroleo que outro accendia; vimos que os bombeiros haviam descido já promptos do quartel e occupavam o seu logar nas bombas; vimos que a porta se abriu e que os cavallos quizeram partir a galope, gastando-se em todas estas operações um minuto, mas como isto não era mais que um simulacro, tudo prestes volveu á sua ordem primitiva.

A impressão que este spectaculo produz é indescritivel. Parece que ha alguma cousa de magia n'aquella rapidissima preparação.

Ainda nos deram na estação central mais noticias sobre a admiravel organização do corpo de bombeiros.

Trezentas mil pesetas annuaes custa ao Municipio o seu costeo.

A sua organização e os modelos do material são

tomados dos bombeiros de New-York, Bremen, Hamburgo e Berlim, escolhendo de cada um o melhor.

(Conclue.)

Revista quinzenal

Coura não é para graças e rebella-se contra os poderes constituídos. Tres mil populares *armados* (as gazetas não nos dizem com que armas, para ao menos salvar os credits dos insurgentes) revoltaram-se, dando vivas á republica!

Hui! Que o senhor D. Luiz finque bem os pés no throno, a fim de resistir aos impetos dos courenses (os de Coura).

Sim, que o soberano se acautele, mandando expedir pelo ministerio do reino o seguinte telegramma: «O' Coura, não marres.»

A imprensa estrangeira preoccupa-se com este motim e até o embaixador portuguez em Madrid se apressou a dar informes ao presidente do conselho de ministros hespanhól sobre o movimento dos descontentes.

Gloria ao diplomata eximio! Venha de ali mais um pendurcalho para s. ex.ª!

Porque se a republica começa por Coura aonde não terminará ella!

Não é homem para graças o commissario de policia n.º 2. Metteu-se-lhe em cabeça fazer entrar em ordem as *viscondessas*, e eil-o n'uma fôna e n'uns impetos de cortezanophobias (se a palavra não é vernacula, que me perdoem os grammaticos).

Nós já tinhamos a *chapa*, inventada em Lisboa pelo nunca esquecido sr. Arrobas.

O de cá, diga-se a verdade, não as quer *chapar*, mas, entre outras, promulgou as seguintes disposições:

Art. 1.º — Não é permitido que—ellas as taes—estacionem nos corredores dos theatros, conversando com os *flanés*.

Art. 2.º — As empresas de casas de espectaculo designarão na plateia logares expressamente reservados para as deidades.

Além d'isto, s. ex.ª collocou ha dias um policia á porta do camarote d'uma das infractoras.

Ora occorre-nos a seguinte duvida. Nos primeiros tempos em que o commissario n.º 2 veio para o Porto, tinha sempre á porta do seu camarote um policia de ordenança.

Se s. ex.ª continúa na luminosa idea de postar outro á entrada dos camarotes das peccadoras, como havemos de distinguir depois desde os corredores *el palco* do commissariado?

Que a digna auctoridade pense e maluque n'esta possivel confusão.

Os frequentadores da tabacaria Freitas & Azevedo teem discutido acaloradamente estas ordens repressivas e estão quasi dispostas a sublevar-se. Accomodai-vos, leões; o exemplo de Coura está muito recente.

Taveira, tu que brilhaes nos bailos de mascaras do salão do Principe Real com as tuas lustras botas

de polimento, exiges que recomende o teu beneficio.

Realisa-se no Baquet, na sexta-feira 26 do actual com o drama os *Especuladores da honra*, traducção de Firmino Pereira.

Zangas-te porque não acompanho o *réclame* com os pomposos adjectivos do costume? Tenho aqui um sacco cheio d'elles, e se te estimulas—ahi vão todos reunidos.

Distincto, talentoso, eminente, insigne, conspicuo. Basta.

Leiam e distribuam por onde quizerem.

Não penses, porém, Taveira que t'os não adjudico por os não mereceres.

E' para sahir do vulgar.

Falta fallar dos theatros.

No Baquet, os dramas *A Nossa Senhora dos Navegantes* (uf!), *Duas Orphãs* e a *Taverna*.

Applausos do costume, especialmente no ultimo ao actor Alvaro, pelo seu assombroso trabalho.

No Principe Real, o duplo cavalleiro D. Henrique Diaz entretendo-nos com diversões repetidas, ao passo que manda escripturar para Lisboa uma cestada de artistas de primeira ordem.

Isto aqui no Porto é gente que se contenta com qualquer cousa.

Deixem-me explicar o motivo por que chamo ao sr. Diaz duplo cavalleiro.

1.º Porque monta a cavallo.

2.º Por causa da inedia...

Cala-te, bocca.

Para a companhia de opera-comica do Principe Real estão escripturadas a conhecida actriz Josepha d'Oliveira e uma outra que affirmam ser hespanhola.

Hum! Já me não alargó em considerações.

Em tempos o *Bombeiro Portuguez* zurz'u a empresa por admittir a *chanteuse* Maria Juliana. *Argus*, do *Jornal da Noite*, saltou-nos á perna, escarnecendo dos nossos escrupulos, e o caso é que a Maria Juliana lá está na capital a figurar, a figurar, tornando-se o manjar appetecido dos alfacinhas.

Pois que lhes mandem mais esta. Escusa de fazer escala pelo Porto.

E *Argus*, o novo magriço, o paladino das desprotegidas, que a defenda.

Zig-Zag.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	300 réis
Semestre	600 .
Anno	1200 .

(Estrangeiro)

Trimestre	500 réis
Semestre	1000 .
Anno	2000 .
Numero avulso	50 .

Redacção e administração rua do Mirante n.º 9.—Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829



Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL
B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK



LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APARELHOS CONTRA INCENDIÓS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernan-
des & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.